

15 20 MAI 1992

Brasil — dividido entre ricos e pobres, mas parecido com os EUA

Edward Mortiner *

Ao viajar dos Estados Unidos para o Brasil, na semana passada, eu esperava um contraste total: do Norte para o Sul, do Primeiro Mundo para o Terceiro Mundo, do protestantismo anglo-saxão para o catolicismo latino. Mas deve-se sempre desconfiar dessas categorias tão simples. No Brasil, o que encontrei? Primeiro, cheguei em uma cidade, São Paulo, que possui 2 milhões de habitantes a mais do que Los Angeles e é, pelo menos, comparável na área que abrange e no tamanho de seus edifícios. Sempre que se pensa que se está chegando ao limite, surge outra série de arranha-céus no horizonte.

Grande parte de São Paulo parece Primeiro Mundo puro para o visitante casual. As ruas e os viadutos estão repletos, ou freqüentemente congestionados de carros Fiat, Volkswagen e outros modelos "europeus" (todos fabricados no Brasil, a informação vem rápida). Existem sedes de bancos nos conjuntos de torres de vidros azuis. Há áreas para pedestres e regiões residenciais arborizadas. O metrô é limpo, moderno e rápido — a única deficiência é a falta de mapas dentro das composições.

Por dois dias e meio, ouvi banqueiros, consultores de administração, corretores de títulos, acadêmicos e o governador estadual, todos discorrendo sobre a contabilidade de inflação, as dificuldades da recessão, as probabilidades de sucesso da estratégia econômica do governo e as origens e natureza do capital estrangeiro que agora aflui ao País. Discutem os sinais de mudança na mentalidade brasileira, enquanto a privatização, até de vacas sagradas como a Petrobrás, é amplamente debatida, as importações de mercadorias e de capital são bem recebidas e os sucessos de outros países latino-americanos — México, Chile e Argentina — são cada vez mais propalados e invejados.

Evidentemente, eu sabia que essa não era a história completa. Apesar de que os mendigos na rua não eram muito mais numerosos no centro de São Paulo do que em Londres, as favelas são bem mais extensas. Cerca de 1 milhão de pessoas vivem nesses conjuntos de barracos que pontilham toda a cidade, embora muitas vezes espremidos discretamente em áreas estreitas, sob um viaduto ou ao lado de uma linha férrea, constantemente invadidas pelo barulho, fumaça e outras formas de poluição. Outros 3,5 milhões de habitantes vivem em cortiços.

Na terceira tarde, consegui que o padre Patrick Clarke, um religioso católico irlandês que trabalha há quinze anos na cidade, me levasse à favela de Vila Prudente. É um lugar surpreendentemente alegre, talvez porque é uma das mais antigas favelas. Os 8 mil a 10 mil habitantes tiveram pelo menos tempo para converter seus barracos em casas rudimentares e desenvolver algumas instituições próprias, como uma creche e um centro de artesanato.

Fez-me lembrar de campos de refugiados palestinos, onde, com o mínimo de assistência e de lideranças externas, os habitantes construíram uma espécie de bairro, com economia e sociedade próprias. E, sem dúvida, esses brasileiros também são refugiados, em certo sentido: refugiados da pobreza humilhante do Nordeste rural, que faz até seu atual estilo de vida parecer um privilégio.

Pelo menos aqui não estão passando fome. As ruas e salas de aula estão cheias de crianças, que lhes contagiam com sua alegria até a pessoa se recordar de que para muitas delas o futuro apresenta poucas perspectivas, além de drogas e crime.

As famílias são grandes, mas diminuíram durante os últimos anos. Agora, é comum as mulheres optarem pela ligação das trompas de Falópio depois do terceiro ou quarto filho, enquanto no passado famílias de quinze pessoas não eram incomuns. Apesar de esta operação ainda ser oficialmente ilegal, às vezes é realizada por médicos sem o conhecimento ou consentimento da própria mulher.

Freqüentemente, no entanto, é fruto de uma deci-

são consciente pela mulher, já que a velha lógica de ter mais filhos como garantia para a velhice é substituída pela nova lógica, urbana, de não ter mais filhos do que se pode acomodar na pequena casa, ou alimentar com a renda lamentavelmente baixa.

Isso explica por que o mais recente censo revela que a população do Brasil soma "apenas" 145 milhões de pessoas (ainda assim, mais de dez vezes o total de 1900), em vez dos esperados 150 milhões, e por que a taxa anual de crescimento demográfico caiu para 2% (de 2,5 ou até 3% anteriores). Ainda é uma taxa muito assustadora, mas deverá tornar mais fácil ao presidente Fernando Collor de Mello enfrentar a questão na reunião de cúpula da ONU sobre meio ambiente e desenvolvimento (Eco-92) no próximo mês, que ele presidirá. Sem precedentes para um político brasileiro, ele escreveu em artigo de jornal que pretendia dar prioridade à questão populacional e ele próprio tomara a iniciativa de levá-la na reunião.

A Igreja Católica, muito criticada pelos teóricos sociais do Primeiro Mundo por sua hostilidade ao controle da natalidade, não parece opor-se ativamente a essa mudança de atitude entre os pobres das cidades. De qualquer modo, não é o único ou talvez nem o principal conduto de seus sentimentos religiosos.

O padre Patrick vê seu papel mais político do que religioso, no sentido tradicional. Ele cita dom Helder Câmara, o muito reverenciado (e injuriado) arcebispo de Olinda e Recife — "se dou pão aos pobres, eles me chamam de santo; se lhes pergunto por que não têm pão, me chamam de comunista" —, e diz que seu papel é ajudar as pessoas a perguntar e a encontrar respostas para essa segunda pergunta. Ele também tem muitos elogios para a prefeita socialista de São Paulo, Luiza Erundina, que ajudou os residentes de favelas a criar cooperativas habitacionais e a se mudar para residências adequadas — "uma realização de que qualquer municipalidade deveria orgulhar-se".

"Aquela torre", diz o padre Patrick com tristeza, apontando para uma igreja a cerca de 800 metros da favela, "está muito longe destas pessoas, cultural e economicamente." Em contraste, as novas igrejas protestantes pentecostais convertem ativamente nas favelas, pregando um evangelho fundamentalista sem insinuações políticas, obtendo um séquito substancial.

Talvez o Brasil não seja tão diferente dos Estados Unidos. O Produto Nacional Bruto não é tudo. Os dois países são estados de colonizadores que se expandiram para ocupar a maior área de seus respectivos continentes. Os dois possuem constituições presidenciais federais que dão grande prestígio ao chefe de Estado, mas relativamente pouco poder, seja para aprovar legislação pelo Congresso ou para controlar os gastos dos estados e dos municípios. Ambos estão lutando, em parte por esse motivo, com déficits públicos indisciplinados — apesar de que as consequências inflacionárias no Brasil são muito mais drásticas e a recessão mais profunda. Ambos apresentam disparidades de renda muito acentuadas entre ricos e pobres, e a classe pobre urbana pratica cada vez mais a violência, principalmente contra si mesma, mas o suficiente para fazer os ricos fugir para seus guetos fortificados nos subúrbios. Ambos sentem-se ambivalentes sobre a comemoração do quinto centenário de 1492, porque contém remanescentes de povos indígenas para os quais esta data marca o começo de séculos de desapropriação e genocídio.

Uma diferença importante parece ser que o Brasil, depois de se esconder durante cinquenta anos atrás de barreiras protecionistas, está agora se abrindo ao mundo exterior, enquanto os Estados Unidos, depois de 50 anos de liderança mundial confiante, exibem sinais crescentes de insegurança e xenofobia. Mas os Estados Unidos são afligidos por um déficit comercial, enquanto o Brasil apresenta um superávit comercial atraente.

* Jornalista do Financial Times.